



GT 001. A antropologia da morte: perspectivas etnográficas em diálogo.

Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergip) - Coordenador/a, Thiago Zanotti Carminati (Universidade Regional do Cariri) - Coordenador/a

A importância dos estudos sobre a morte é inegável. Nem sempre teve a atenção adequada esse fato universal. Aos poucos, surgem estudos especializados em vários domínios do conhecimento. A morte é um fenômeno físico, social e cultural e desperta muita curiosidade. Um acontecimento, experienciado, vivido de múltiplas formas que implicam os vivos na situação de observadores da morte do outro. Mas há também a não-morte: a carne morre, mas a pessoa vive. A atual proposta, considerando a diversidade de enfoques sobre o fato, objetiva acolher e discutir trabalhos transdisciplinares, sendo que o diálogo com a antropologia é fundamental. Estudos comparativos também são bem vindos, e os enfoques deverão questionar e contextualizar as teorias hegemônicas ocidentais sobre a morte. Preferência ser dada a etnografias que versem sobre a temática, em situações como o suicídio, a morte por desaparecimento, o falecimento como resultado de doenças, a morte misteriosa, o infanticídio, o assassinato, o feticídio e os rituais religiosos ligados; enfim, morte como ligada a contextos políticos, sociais, biológicos e culturais.

A materialização dos efeitos do morrer: a potencialização da vida na religião em dois candomblés em Maceió, Alagoas

Autoria: Vanessa Silva dos Santos

A ritualização da morte entre as pessoas de religião afro brasileira se faz indispensável. Todavia, seus efeitos extrapolam o conjunto de ritos denominados de axexê. Nesse sentido, interessa aqui descrever e refletir acerca de outros ritos e/ou outras demandas que surgem e são mobilizadas continuamente nos dois terreiros a partir do evento da morte. O campo de pesquisa com o qual construímos nossa descrição etnográfica é a Casa de Iemanjá e o Posú Betá, terreiros de candomblé em Maceió, Alagoas, nos quais se percebe a potente materialização de vínculos entre as comunidades terreiros e seus mortos. Refiro-me às heranças de orixá, aos processos rituais que se destinam à preparação de ogãs ao cargo de ojé e outras cerimônias destinadas aos mortos e ancestrais do terreiro, indispensáveis na antecedência de quaisquer outros ritos do terreiro, este último aspecto se refere especialmente a Casa de Iemanjá.



Realização:



Apoio:



Organização:

